

5

Um lugar para o artesanato

(...) Interrogar a arte pelo sintoma não é tomá-la como inteiramente subordinada a uma articulação significativa que produz efeitos de sentido – como mais uma elucubração do inconsciente – , mas pensá-la como uma concatenação significativa que, enlaçada ao discurso do inconsciente, tem relação direta com a realidade desse discurso, isto é, com o vazio por onde se apresenta o gozo que o parasita.
Ram Mandil (2003, p.254).

Chegamos até aqui com algumas idéias e apostas do que poderia ser uma abordagem com o paciente psicótico quando não contamos com a produção de um delírio que lhe dê um lugar. Na realidade é justamente de lugar que se trata, já que muitas vezes nos vemos em busca de trazer nosso paciente de volta, ao que podemos chamar de trilhos do sentido.

O percurso deste trabalho quis trazer, contudo, para a cena da clínica a aposta na possibilidade de se produzirem outros lugares que não esses marcados pela referência, ficção estabilizadora “que determina o modo como um indivíduo inscreve sua identificação simbólica” (Guimarães, 2008, p.110). Desse modo, se não há necessidade de restauração do sentido por meio da delimitação delirante de um Outro imaginário para obter alguma estabilização, qual o caminho? É o que procuraremos ver a partir do campo de construção que batizaremos, com Lacan, de artesanato (Lacan, 1975-6, p.23).

Nesse capítulo final, elegemos a trajetória de dois pacientes que, apesar de terem encontrado alternativas muito diferentes para estar na vida, se utilizam de um mesmo recurso, a escrita. O solo comum que os une, para além do trabalho de escrita é a longa institucionalização e a moradia no hospital. Contudo, veremos que essas semelhanças não são suficientes para lhes dar um

destino também semelhante, muito ao contrário, enquanto um teceu ao longo dos anos um lugar para si, o outro permanece submetido à violência de ser sem lugar, de não conseguir costurar uma rede que minimamente o sustente.

Temos, então, de saída, que o trabalho de escrita por si só não é garantia de pouso e que o artesanato deve ter que incluir qualquer coisa de ato, qualquer coisa de uma produção. Vamos à clínica.

5.1 Mateus um errante

*Meus sonhos. Repetir quarta série. Estudar até oitava série. Trabalha na engenharia Patrimovel. Lutar capoeira e judor. Compra um carro. Faze curso da Cultura Ingreza. Fazer excursões – guapimirim paraizo limoeiro. Temos que alugar um onbus todos dar 5 reais. Lá tem cachoeira. Uma casa de veraneio. Alugar casa para dois dias. Minha filha sabe onde é. Tem cachoeira. Campo de bola. Tem fogão. Tem luz.*⁵³

*Não quero passear com ninguém acompanhado. Com ninguém. Só com Therezinha e estagiária. Não quero almoçar em lugar nenhum em quanto tiver medo. Meu medo nunca vai acabar. Não quero dançar musica cantar passear. Quero esperar em Deus no amanha nas noites mal dormido. Palavra de Mateus: não quero dançar música nunca mais. Não quero fazer programação. Não quero baile cinema. Não quero sair. Não quero escrever poesia nunca mais. Adeus mundo não vou existir mais. Tudo acabado.*⁵⁴

Mateus está há 20 anos na psiquiatria. Em seu prontuário há relatos de sua mãe dizendo que desde os 12 anos de idade sentia muito medo dos outros. Aos 18 anos teve sua primeira crise caracterizada por alucinação auditiva de cunho persecutório, heteroagressividade, agitação e queixa de pesadelos. Seu pai também era paciente psiquiátrico tendo chegado a ficar preso no manicômio

⁵³ Naturalmente, a grafia das palavras foi mantida como no original.

⁵⁴ Idem.

judiciário depois de tentar agredir Dona Ana (mãe de Mateus) quando esta estava grávida do filho mais novo. Em 1993, ingerindo ácido muriático, o pai de Mateus se suicida. Sua irmã mais velha alguns anos antes também teria feito o mesmo e do mesmo modo, tomando “chumbinho”, como se costuma falar. Mateus conta que ela o teria convidado para tomarem juntos. Ele não quis.

Hoje Mateus mora no hospital. Já é conhecido pela expressão *paciente da casa* e vive na gangorra casa-hospital/hospital-casa nos dizendo sempre, de maneira que não podemos esquecer, que “hospital não é moradia para ninguém”. Mateus tem casa, não gosta de morar no hospital, mas apesar disso é um *paciente da casa*. O que se passa neste caminho que faz do hospital a única casa possível?

“Medo. Pânico. Desespero. A angústia me invade. Não posso ser feliz”. Assim Mateus poderia responder à pergunta sobre aquilo que o mantém no hospital. Sabemos, contudo, que estar no hospital não o livra destes sentimentos. Mais ainda, sabemos que o hospital é também constante fonte de angústia e que talvez responda por uma parcela importante de seu desespero. Como então Mateus não consegue voltar para casa?

De algum modo, por mais paradoxal que pareça, apesar de se sentir mortificado pela impossibilidade de partir, no hospital encontra uma solidez, um campo firme que resiste às suas agressões e ali se mantém sem recuar. Acreditamos que é essa resistência que garante ao hospital alguma estabilidade e capacidade para funcionar, em alguns momentos, como sustentação, já que, mesmo quando atacado, suporta e não retalia em demasiado. Essa garantia de acolhimento nos parece, então, elemento central para pensarmos o retorno repetido de Mateus à instituição: “Tenho medo de sair do hospital e sofrer uma

grande desilusão. Desilusão: levar um tiro na cara. Prefiro ficar aqui no hospital, aqui eu estou seguro”.

Se de um lado o hospital oferece estabilidade e segurança, de outro deixa também escapar suas retaliações. Não é incomum ler relatos sobre Mateus que dizem: “paciente manhoso, necessitando estar junto de alguém”, “Paciente chato”, “Chorão quando está perto dos técnicos”, “Paciente cheio de graça, querendo manipular as pessoas.”⁵⁵ O fato de Mateus não ser um paciente marcado por bizarrices ou frases desconexas, muito ao contrário, o fato de ser orientado e organizado em sua fala, provoca freqüentemente a interpretação de que faria tudo o que faz com o intuito de “chamar atenção” ou mesmo para “sacanear”. Em relação a isso diz:

Meu irmão fala que é psicose, que eu minto. Psicose é fingir que está doente e eu não finjo. Não é psicose, é doença, é nervoso. Sou Mateus, problemático e nervoso. Nada está bom para mim, queria que toda a equipe me entendesse melhor. Tem várias pessoas dizendo que sou mimado, que eu falo, falo, falo e que não tenho nada. Mas eu preciso falar. Não sei por que a angústia me invade.

Ricardo Seldes (2006) nos dá uma definição de urgência subjetiva como sendo a ruptura da cadeia significante que, diante dessa desarticulação, produz um efeito de mortificação que leva o sujeito a apelar para recursos drásticos como a passagem ao ato. A pequena pausa entre a invasão e o ato, quando procura por alguém, nos parece fundamental justamente porque indica que se há endereçamento, se ele pode falar a alguém, talvez isso possa, em algum momento, limitar seus atos. Seldes conclui: “Fica claro que a dimensão essencial do trabalho que propomos para a urgência subjetiva inclui (...) que a aquele que

⁵⁵ Fragmentos de relatos das equipe que o acompanham retirados de seus prontuários no HPJ.

sofre, em sua urgência, tenha a quem dirigi-la” (Seldes, 2006, p.34-35). Mateus conhece bem esse caminho, mas sinaliza que precisa procurar por alguém nesses momentos, que precisa falar.

Diariamente nos relata sua invasão: “roubaram meu cigarro, querem me matar, vou tacar fogo no meu corpo, não agüento mais, são 20 anos de psiquiatria!”. Ao lado disso há momentos de algum apaziguamento quando recebe seu dinheiro e prepara as listas daquilo que pretende comprar: “quero um relógio, um gorro, uma lupa, um tênis... vou comprar uma caixa de bombom para todos do Albergue e um brinquedo para meu neto”.

Comprar é o que para Mateus parece lhe conferir algum valor. Constantemente invadido, queima o corpo, agride o próprio rosto, se chama de maluco e pensa em se matar. Mas quando recebe seu dinheiro é como se ficasse mais leve, sai do hospital mesmo com medo e compra tudo. Volta, nos mostra suas novas aquisições, mas algum tempo depois começa o processo de destruição: um a um ele quebra tudo aquilo que comprou: “É o nervoso. Quero voltar para casa e não consigo! Em casa não faço nada disso. Mas não consigo ficar lá. Os vizinhos pensam que eu sou traficante... será que você e o diretor do hospital não poderiam escrever uma carta dizendo que eu não sou?!”.

Se de um lado o hospital é o lugar para onde ele pode voltar quando se sente ameaçado, se no hospital há quem diga que não pode bater, não pode queimar, tendo o respaldo da equipe e do diretor, também lá ele sofre: é lá que se queima, que se bate. Para alguns pacientes o hospital se faz casa, encontram nele algum ponto de pouso, uma interrupção, mesmo que breve, da errância. Mas Mateus não parece ter pouso, a casa e o hospital lhe são ambos hostis.

5.1.1 Os textos

Mateus tem uma extensa produção de textos. Escreve todos os dias. O conteúdo desses escritos varia de acordo com seu estado no momento em que os produziu: podem ser poemas de amor, letras de música, orações em que pede a Deus força para continuar vivo, listas de compras, roteiros de viagem e determinações para a vida. Essas últimas costumam ser produzidas em momentos em que parece ter decidido algo: “Não vou mais ao CAPS, não quero saber de tratamento, não quero ser paparicado, não quero festa de aniversário, nem fazer endoscopia”. Essa lista dos *nãos* é em geral posterior a uma outra em que dizia “sim” para a vida, de um certo jeito. Quando perguntado sobre a diferença gritante entre as duas listas, os *sins* e os *nãos*, ele continua: “não posso ser feliz. Minha alegria dura pouco. O medo me invade”. Mateus é errante.

Apesar de serem tentativas constantes e frustradas de estabelecer algum pouso, de ter algum descanso, não seria justo dizer que os textos que escreve não fazem diferença em sua vida. Não raro nos pede lápis e papel e produz uma carta em que pede sempre algo ao outro. Seus textos não são um aglomerado de palavras sem sentido, nem são uma produção para si próprio. Ao contrário, são cartas e listas endereçadas: Mateus pede boné, rádio, compreensão.

Como fixar esse transbordamento e deslizamento incessantes? Como obter um ponto de vista que permita estabilizar os nomes e fazer com que digam pouca coisa ao mesmo tempo, às vezes uma só? Lacan dá a pista: pensemos o trabalho de estabilização como o de fixação de uma leitura. Aqui a analogia com o escrito é preciosa. O mundo se estabiliza por se escrever, escrita continuamente reatualizada através do Outro, afinal, nada se escreve sem um endereçamento (Vieira, 2007).

Os escritos de Mateus não parecem produzir este efeito de fixação de leitura e de endereçamento. Há apenas o escrito em si, mas nada da ordem de uma estabilização aí se escreve. Ao longo desses anos de internação o percurso de moradias de Mateus foi o mais sinuoso possível: casa própria, hospital, casa da mãe, hospital, Albergue, Residência Terapêutica e, de novo, hospital. “Não consigo ficar em lugar nenhum, a solução é morrer”. Recentemente tem escrito muito, tem pedido para retornar ao Albergue, para o diretor interceder por ele, para a equipe recebê-lo de volta. Essas cartas não são vãs, servem momentaneamente para tranquilizá-lo. Mas é só.

5.1.2 A pausa, os pousos

Ousaríamos dizer que o breve pouso de Mateus está no encontro com os técnicos, que renovam com ele, a cada relógio quebrado, a esperança de que esse agora será o definitivo – ainda que isso nunca aconteça –, e que insistem em comprar de novo e de novo aquilo que sistematicamente ele destrói, justamente por entenderem que é nessa renovação que a vida ainda aparece. Contudo, apesar disso, sabemos o quanto esse pouso é frágil. Suas tentativas de se manter mais firme, nos endereçando seus escritos, pedindo que carimbemos e assinemos o que lemos ao lado de sua assinatura, não parecem ser suficientes para retirá-lo da roda viva em que fica diariamente. A saída de Mateus, o que pode em alguns momentos apaziguá-lo, parece ser, paradoxalmente, a destruição que opera, em outras palavras, o ato. Porque depois dela há o momento especialíssimo da reconstrução.

A questão é que esse ato não parece ainda conter os elementos necessários ao artesanato, se com este termo queremos assinalar a produção de uma estabilidade subjetiva. Não há construção de nada, ao contrário há

apenas destruição. A errância de Mateus exige que ele se ponha a ter que recomeçar tudo, a cada vez, como se não houvesse registro de nada anterior ao caos em que se instala. A pergunta que nos fazemos é então como poder, com ele, produzir um marco, como tecer uma rede que reúna os pontos de apoio que ora já teve, para que ele possa ter um esboço de circuito a perseguir, para que seja mais peregrino.

Hoje o que sabemos é que Mateus não pode ter um único norte, dito de outro modo, ele não suporta que se crie para ele uma única referência. A RT talvez tenha entrado neste circuito: no dia de sua despedida do hospital havia festa com bolo e bolas e um cartaz que dizia: “seja feliz na residência terapêutica!”. Insuportável: destino traçado, norte definido. Nessa rota, para ele, não há sustentação possível. O que aprendemos com isso foi que para Mateus será preciso fazer da trança com seus múltiplos ponto de apoio, uma direção clínica. Será, então, preciso suspender nosso ímpeto de dizer, de querer, de interpretar. Será necessário uma pausa, instante de silêncio que ajude o paciente a interromper a queda livre imaginária e, quem sabe, se fixar por um instante. Nas palavras de Miller (1996 *apud* Laurent, 2006, p.67) a questão não seria a de produzir uma nova receita para o atendimento do psicótico mas a de ter em conta que, breve ou longo, silencioso ou curto, o fundamental é que haja no contato uma direção da parte do analista que não seja a da proliferação de sentido, mas antes de corte dos mesmos⁵⁶.

⁵⁶ “La cuestion no es saber si la sesion es breve o larga, silenciosa o no. O bien, a sesion es una unidad semântica, aquella en que el S2 viene hacer puntuacion a la elaboracion, delirio al servivio del Nombre-del-Padre, y muchas sesiones lo son, o bien a sesion analítica es una unidad a-semântica que reconduce al sujeito a a opacidad de su goce. Esto supone que antes que haga um bucle , la sesion sea cortada” (Miller *apud* Laurent, 2006, p.67).

5.2 Antônio, um peregrino⁵⁷

“Escrever e ler é o meu mecanismo de defesa”

“Eu amargo esta história de papel, é duro passar a vida só pensando em papel”

Antônio era um paciente que morava há cerca de 20 anos no hospital. Pelos corredores, com sua bolsa a tiracolo, pedia a nossa intervenção ao passar perguntando a quem quer que fosse: “tem cartaz, panfleto, cartão telefônico usado?”. À medida que nos íamos aproximando, fazendo de nossa presença algo mais regular, notávamos que ele começava a nos dirigir outros pedidos. Pedia, então, não apenas que lhe déssemos algo, mas sim que “digitássemos no computador” os seus “escritos”. Esse segundo pedido não era como o primeiro, feito a qualquer um, era mais endereçado e, de certa forma, incluía o outro em seu trabalho: “escolhe uma letra bem grande. Faz ficar bem nítido”, ele dizia, referindo-se aos cuidados necessários que deveríamos ter com seus escritos. O trabalho era seu, mas a letra e a nitidez eram garantidas por nós.

O momento da entrega dos escritos digitados era especial: assim que apontávamos na rua indo em direção ao hospital ele, que já esperava desde cedo no portão, abria um grande sorriso e gesticulava querendo saber se trazíamos sua encomenda. Quando lhe entregávamos os digitados, primeiramente passava a mão em cada folha como se as acariciasse e, em seguida, nos agradecia pela “consideração e respeito”. Ao ver seu trabalho digitado, ele dizia: “a percepção fica mais clara, mais nítida, abre os olhos para a vida e ajuda a esclarecer a minha mente obscura”.

⁵⁷ Agradeço ao HPJ a oportunidade de discutir esse caso, em especial ao Eduardo Rocha, que pode comigo ver e rever as sutilezas da clínica deste paciente e ao NEL (Núcleo de Estudos sobre a Loucura) onde mais recentemente pude tirar consequências mais maduras do caso, 4 anos depois de sua primeira apresentação.

O hospital com seus técnicos e funcionários funcionava para clarear sua mente obscura. Era uma rede: uns guardavam cartões para lhe dar, outros arrancavam os rótulos das embalagens sabendo que eles lhe interessariam e alguns digitavam seus escritos. Essa rede de coletores e digitadores funcionava como sustentáculo para o trabalho estabilizador que se ia construindo. Eles representavam, talvez, o que Miller denomina *materiais preexistentes* para a constituição artesanal de uma invenção:

Há certamente uma zona semântica comum entre invenção e criação. A invenção se opõe habitualmente à descoberta. Descobre-se o que já estava lá, inventa-se o que não está. Por isso a invenção tem parentesco com a criação. Porém o sentido do termo “invenção” é, nesse caso, o de uma criação a partir de materiais existentes (Miller, 2003 a , p.6).

Dos cartões, cartazes e panfletos que recebia ele coletava as frases que lhe interessavam. Esses escritos eram uma espécie de seleção de palavras soltas, provérbios e letras de músicas que ele dispunha no papel de modo que a folha ficasse sem espaços em branco. E não era difícil perceber que as frases coletadas eram as mesmas que iam compondo seu vocabulário, o que quer dizer que, ao conversar, ele se utilizava daquilo que escrevia para ensaiar uma comunicação com o outro. Certa vez pedimos que explicasse o que eram as coisas que escrevia, o que elas significavam. Ao que respondeu prontamente: *“Explicar o quê? O que tem para explicar? Já está escrito!”*.

“Já está escrito”, ele dizia, conferindo ao ato de escrever o estatuto de uma função cumprida: não há nada para ser dito além disso que já está escrito, porque o objetivo não é o de explicar um sentido e, sim o de funcionar como “mecanismo de defesa”, defesa contra a tirania da invasão das palavras, que o

obrigava a pensar e a encontrar um ponto fixador que cessasse o turbilhão (Cerdeira, 2004).

Certa vez quando os noticiários de TV informavam sobre a crise econômica na Argentina, Antônio ouviu que o peso argentino havia desvalorizado: “o peso argentino caiu. Essa frase que eu ouvi na televisão alivia minha consciência. Alivia também as minhas pernas porque eu não fico mais marchando pelo corredor” (Schettino, 2003). Por que será que esta frase lhe conferiu um sentimento de alívio? Certamente não era nada relacionado ao seu sentido concreto. No entanto, sua marcha melhorou e ele disse ter ficado mais aliviado, menos pesado. Os efeitos que recolhia das frases que escutava eram momentâneos. Mas nada além disso, além de um breve momento, se mantinha. A significação não adivinha, e aquilo que parecia sustentá-lo, caía. O caminho pela via do sentido não parecia se estabelecer.

5.2.1 Os manuscritos e os digitados

Perguntávamos a ele o porquê da necessidade de transcrever seus escritos para uma folha de papel com letras de computador, e ele respondia: “manuscrito é mixuruca, quando está digitado deixa mais consciente de si”, dando-nos toda a dimensão de como o digitado poderia conferir-lhe algum prumo. Mas algum tempo depois já era possível vê-lo escrevendo a mão novas frases ao lado das que já estavam digitadas, criando um novo conjunto, mais um item da sua coleção que parecia não ter fim. Todo digitado em algum momento voltava a ser, novamente, manuscrito.

A digitação encarna a função do Outro destacada acima, mais do que este ou aquele técnico. Por meio dela o infinitamente particular passa para o universal e ganha um endereçamento.

A transformação daquilo que é mixuruca para algo que tem valor não podia, então, ser feita por ele. Apesar de conferir clara importância às coisas que escrevia – “só gosto do que eu escrevo” –, ele dizia não poder passar muito tempo sem transformar os manuscritos em digitados porque senão sentia-se vazio: “se não tem retorno dos escritos, eu esqueço e tenho que refazer tudo de novo”. Antônio poderia sentir “a sensação do dever cumprido” simplesmente recolhendo as falas e colocando-as no papel ele mesmo, no entanto esse processo só se completava, o “descanso”(momentâneo) só vinha quando os escritos eram transformados por um outro. O que é que esse outro acrescentava ou garantia e que ele próprio não era capaz de fazer?

Mesmo que o sujeito nada tenha a dizer sobre o objeto produzido, o fato de que ele é endereçado a alguém coloca-o em pauta numa relação onde o que é criado pode ser lido. Se o analista – ou aquele qualquer que exerce a função de destinatário da atividade criativa do sujeito psicótico – recebe ativamente esse “texto” que lhe é endereçado, ele fará falar o sujeito, não necessariamente sobre o que foi criado, mas colocando algo em movimento (Alvarenga, 1999, p.120).

Se de um lado o manuscrito era o primeiro passo para “baixar” para o papel aquilo que vinha à sua cabeça, sendo assim, inegavelmente, um movimento importante na direção de temperar a invasão que sofria; por outro era o digitado que oferecia estatuto de barra essencial porque vinha de um outro que, em suas palavras, tinha “influência” e, talvez por isso, conseguisse colocar *algo em movimento*.

Antônio parecia um reciclador. Dizia que aquilo que fazia tão insistentemente era uma “reciclagem de papel: eu reciclo, escrevo no papel meus pensamentos, meditação e vozes”. Um trabalho que apesar de não lhe

“garantir dinheiro”, oferecia um outro tipo de reconhecimento: “auto-estima e consideração de mim mesmo”.

Qual a dimensão disto tudo em sua vida? Chamava-nos atenção a expectativa em que ficava para receber o trabalho digitado, como se o que fosse encontrar tivesse caráter de algo inédito. Será que de alguma forma não era mesmo inédito? Inédito para ele? Será que nesta passagem pelo outro não havia, também, uma reciclagem que lhe garantia a sustentação de que dizia precisar?

5.2.2 O enigma e a burocracia: instrumentos para a peregrinação

Apesar de escrever incessantemente há mais de 20 anos, Antônio não o fazia por prazer: “eu amargo esta história de papel, é duro passar a vida só pensando em papel”. Quando perguntávamos, então, por que não parava, nos respondia simplesmente: “não posso”.

Sobre a coleta que fazia contava que estava em busca de papéis “com alguma escritura”, porque teria “um enigma na cabeça... que descobre com um escrito... mas que a burocracia não deixa chegar nas minhas mãos”. Perguntávamos a ele o que sabia sobre este enigma: “eu preciso de alguma coisa aqui [apontava para a sua cabeça], tem alguma coisa que falta aqui!”. Haveria, portanto, um papel com “coisas que ainda não li” e que lhe permitiria sair do hospital com a “cabeça leve” e poder voltar para a casa.

O enigma era, portanto, indecifrável, o *papel* que procurava nunca era encontrado, e este era o enredo de sua vida, a história em torno da qual ele se detinha e que preenchia sua existência. Em nome dessa busca ia criando inúmeras coleções, juntando daqui e dali, “juntando para recomeçar”, como ele

dizia. Dessa forma, ele constituía um ponto no infinito, que Lacan chamou de assintótico⁵⁸.

Certa vez conta que já havia feito psicoterapia na UFF, mas que não havia dado certo porque “lá fora ninguém dá valor ao que é escrito, só ao que é falado (...) eu não sou de falar”. Em seguida perguntou: “psicoterapia é o quê? É puxar pela memória? Pela inteligência? Só sei fazer isso com os escritos”. Digo a ele que poderia fazer psicoterapia com seus escritos, e ele me perguntava: “Quanto eu tenho que te pagar para ser minha psicóloga? Quem vai te substituir quando você for embora?”. A história com cada um vai sendo construída mas tem que ser continuada, continuada nesta parceria com o outro, nessa “reciclagem” que faz do estranho e invasivo, algo íntimo e menos ameaçador. Um trabalho que não pode ser feito sozinho, que precisa do outro porque precisa ser posto em movimento.

Assim, Antônio encontrou uma maneira única de circular no social, ia encontrando pessoas, fazendo pedidos, construindo laços. Com cada um, uma história: “Paula dá meu dinheiro, Therezinha liga para a minha prima, você e Schyntia digitam meus escritos”. E assim ele ia, conhecido por todos, ajudado em sua coleta por muitos. Antônio era peregrino e, em seu percurso, conseguiu efeitos de hospedagem.

Mas antes deste mecanismo de defesa, o que havia era um sujeito alucinado, que andava nu pelo bairro, que vinha trazido pela polícia e que agredia os vizinhos. Essa errância em que se encontrava e que o fazia tão sem pouso, foi interrompida com a internação. Mas ele continuava errante no

⁵⁸ A expressão *assintótico* foi inicialmente utilizada por Freud em sua análise do caso Schreber (1911-13) e é utilizada por Lacan quando da sua elaboração do esquema I referido à solução de Schreber (Lacan 1957-58, p. 578). Contudo, aqui, no caso de Antônio o assintótico não está referido ao delírio mas à escrita porvir.

hospital, foi preciso encontrar um suporte, os escritos, no caso, para que pudesse circular no mundo sem “ficar louco com fuga de idéias”. Assim, os escritos funcionaram como um passaporte para algum estatuto que não lhe era naturalmente acessível, ele dizia: “você tem uma coisa que eu não tenho: eu preciso de base de sustentação para deixar a fala sair”. Parecia-nos surpreendente que Antônio pudesse ser tão preciso para definir a função do trabalho estabilizador que ele próprio encontrara. E, mesmo que momentaneamente, essa sustentação era o início da *peregrinação* de Antônio, quando deixava a errância, por ter encontrado o caminho que lhe daria uma base, *base de sustentação*, como ele dizia.

Em seu prontuário há a seguinte anotação: “Falou coisas da infância e diz que não lhe ensinaram a *fazer frases* mas só *palavras soltas*”. Aquilo que fora necessário para fazer frases não lhe parecia acessível. Mas as palavras soltas vinham sendo, ao longo do tempo, vestidas por alguma significação que lhe conferiam aparência de frases: uniam-se umas às outras em grupos, formavam categorias e, deste modo, produziam algum tipo de sentido que, mesmo não sendo aquele equivalente ao do social, era algo suficientemente útil para não deixar que essas palavras ficassem apenas invadindo sua mente como idéias alucinatórias e pudessem ser transformadas em escritos. “Baixar” essas palavras e fazê-las escritos era a sua maneira de barrar a invasão e de não ficar tão passivo.

Arriscaríamos a dizer que o trabalho criativo, em si, pode ter efeitos apaziguadores para um sujeito, à medida que tem um efeito de condensação, depósito e separação de um gozo, de outra forma, mortífero. Mas esse efeito apaziguador só se dá porque o texto ou objeto produzido têm um endereço, ou seja: a atividade criativa acontece sobre um fundo de linguagem, onde a fala está potencialmente presente (Alvarenga, 1999, p.120).

A hospedagem de Antônio foi conquistada com o trabalho incansável de anos de coleta e reciclagem que garantiram a ele um lugar e uma função. O início dessa coleta coincidiu com a separação de sua mãe: “desde esse dia eu perdi a visão dela, nunca mais achei ela... o nome dela é Lea... aí começou a vir na minha cabeça – Lea, leia, Lea, leia... e eu comecei a juntar papel, a ler”. “Escrever e ler é o meu mecanismo de defesa” (Cerdeira & Gutman, 2006, p.672).

Vale dizer que aqui o valor da mãe não se coloca meramente por ela ser mãe e, logo, importante. Parece-nos mais interessante pensar que a mãe ganha esse lugar tão central por ele poder se apoiar em seu nome, fazer dele material para a sua invenção. Antônio queria voltar para casa, no entanto sabemos que foi só no hospital que ele pôde experimentar algum continente, ou dito de outro modo, foi só no hospital que pôde ter a experiência de algo que o barrava e circunscrevia minimamente seus limites.

A circulação nos corredores, os digitadores que encontrava foram sendo parte desta borda que ora se formava ora se desvanecia, mas que, graças à sua busca incansável, o mantiveram mais próximo da superfície. A chave para esse apoio veio alucinatoriamente: foi Lea que virando leia, lhe deu uma chance de não ser mais um que ouve vozes, mas a de ser um “estudante” dos escritos, capaz de sair da passividade da invasão para a atividade de criar coleções. No entanto, esse comando – leia! – só pôde ser mais do que uma alucinação porque Antônio encontrou em seu caminho outros que fizeram de seu manuscrito frágil e incapaz de protegê-lo, algo que o deixava “mais consciente de si”, porque ao transformar as suas letras soltas e desiguais num conjunto

ordenado, conferiam ao seu trabalho o estatuto de barra, estatuto transferido, emprestado de fora, mas que lhe servia.

Foi, portanto, a partir deste trabalho de coleta, invenção e reciclagem (Miller, 2003 a) que Antônio conseguiu, com os escritos e seus digitados, produzir algum efeito de distanciamento daquilo que lhe era naturalmente invasivo e encontrou para si um lugar de “estudante”, um nome.

Antônio conseguiu um nome, era um “estudante”. No dia de sua transferência para a RT, enquanto o caminhão esperava pela mudança, Antônio dizia que o fundamental era estar com seus escritos. Perguntou-me se na casa teria alguém para ajudá-lo na coleta e na reciclagem que fazia. Disse que sim, lembrei-lhe a vizinhança que havíamos visitado e ele disse: “é, lá tem locadora de vídeo, devem ter muitos cartazes”... E assim ele foi, se despediu e saiu. Parecia inteiro, distinto, carregando a pasta com seus escritos, onde provavelmente estava seu nó. Mas por que, então, Antônio não era hóspede?

Na leitura que fizemos aquilo que conferiu a Antônio sua possibilidade de ter um nome não foi um trabalho de significação. Ele mesmo nos apontava que não havia o que explicar pois “já estava escrito”. E por mais que o que estivesse escrito fosse reconhecido por nós, uma vez que eram provérbios, frases que escutava, letras de música, não havia qualquer sentido em estarem lá reunidas daquele modo caótico. Ou seja, não eram os provérbios, ou as músicas, mas restos deles, fragmentos coletados pacientemente que ao longo do tempo foram ganhando estatuto de escritos ao deixarem de ser manuscritos “mixurucas”. Quando colocados sobre o papel os textos marcados pelo sentido que ouvia já não eram mais os mesmos, já faziam parte de sua junção, de sua coleção e essa não se caracterizava pelo sentido mas pelo valor de sustentação que lhe dava.

Foi do encontro com o mundo, que poderia ser apenas inóspito, que ele retirou as possibilidades de caminho. Foi do encontro com o outro, que poderia ser apenas ameaçador, que a nitidez de suas idéias ficava garantida: “quanto mais notícias eu receber mais forte eu fico = botar às idéias em dia”.

Assim, a burocracia que impedia Antônio de encontrar o escrito que o libertaria, talvez fosse, justamente, o mecanismo que o mantinha em movimento, que o mantinha sempre em busca. Porque era nessa busca que ele encontrava a sustentação de que dizia precisar, porque foi nessa busca que ele encontrou um modo de estar no mundo sem tanto “vazio”, sem tanta “evasão”, sem tanta errância: “hoje isso não acontece mais não... *segura com as palavras!*”.

5.3 Lugar de Artesão

O artesão é aquele que, pela conjugação de dois significantes, é capaz de produzir o objeto a.
Jacques Lacan (1975-6, p.10).

Etimologicamente, artesão é o “artista que exerce uma atividade produtiva de caráter individual (...) indivíduo que exerce por conta própria uma arte, um ofício manual” (Aurélio, 1986, p.177). É, pois, essa idéia de algo que se faz por conta própria e que é um ofício aquilo que mais nos interessa para pensar o que seria o lugar de artesão, uma vez que seu caminho não está organizado, orientado por uma referência minimamente compartilhável. É por conta própria, ofício manual, o que nos dá a justa medida para compreender o quão artesanal é esta solução. Quando dizemos que a estabilização passa pela produção de alguma coisa, talvez seja necessário acrescentar que ela passa pela produção *artesanal* de alguma coisa, supondo que esse artesanal guarde qualquer coisa de um funcionamento particular.

É possível pensarmos esse particular do artesanal como tendo relação com a *invenção* a que se refere Miller (2003a), uma vez que a idéia que sustenta este termo é a de inventar algo que não está dado, mas fazê-lo a partir de “materiais existentes”. O artesão, como vimos no caso de Antônio, inventa, mas não o faz sem a *base de sustentação* que adquiria do contato conosco, de nossas falas, de nossos restos, seus “materiais existentes”.

Lacan, em seu seminário sobre o *sinthoma* (Lacan, 1975-6, p.23), nos oferece uma definição de artesão como sendo aquele que seria capaz de visar diretamente ao que se apresenta como *sinthoma*. O que ele parece nos dizer com isso é que o artesão toca o sintoma sem precisar do sentido, sem precisar da equivalência, do equilíbrio entre significante e significado: “é como se ele não precisasse passar pelo jogo do S1 e S2 para tocar no real da coisa” (Vieira, 2006 b).

Esse mecanismo descrito por Lacan de, a partir da “conjugação de dois significantes, produzir o objeto a” (Lacan 1975-6, p.10) vem a ser o que ele aproxima do trabalho de Joyce ao qual às vezes se refere como o de artífice (idem, p.114) sem, no entanto, caracterizá-lo explicitamente como trabalho de artesão⁵⁹. Esse objeto a, elemento fundamental da teoria lacaniana, aqui é tomado como aquele que responde ao vazio, que dá notícias do furo com o qual todo ser falante se depara. O trabalho do artesão, contudo, não se utiliza dos efeitos de significação, não procura abordar o impossível do furo através de

⁵⁹ “Joyce não sabia que ele fazia o *sinthoma*, quero dizer que o simulava. Isso era inconsciente para ele. Por isso ele é um puro artífice, um homem de *savoir-faire*, o que é igualmente chamado de um artista” (Lacan, 1975-6, p.114).

jogos de sentido (Mandil, 2003, p.256). Ao contrário, ele encontra um modo de trazê-lo para a cena, mas de modo negativizado⁶⁰.

Ao fazer depreender da linguagem não seus efeitos de sentido, mas os efeitos de “furo”, ou melhor, ao operar de tal modo sobre os efeitos de sentido das palavras, multiplicando-os ao infinito, a ponto de produzir seu desvanecimento e a conseqüente emergência de um vazio de significação, a arte de Joyce atinge o sintoma para além da dimensão simbólica. Nesse sentido o artifício de Joyce é *um fazer que nos escapa (...)*. Mas se o artifício joyciano nos escapa, é exatamente ele que torna presente o que Lacan identifica como registro do real, que emerge quando atingimos o impossível no nível do símbolo (Mandil, 2003, p.256).

Assim, o artesão faz do *a* – sempre tão resto, sempre tão escondido –, algo de valor público. O manuscrito mixuruca de Antônio não seria isso? Mas ao passar pela cena pública ele se negativizava e podia ser um *digitado*, garantindo a possibilidade de Antônio ser um estudante dos escritos e de ficar “mais consciente de si”. O nome “estudante” não foi dado pelo Outro, Antônio o produziu via artesanato, criou o mecanismo de “baixar para o papel” as idéias invasivas e atordoantes, para melhor lidar com elas. Tomou o real da alucinação e o transformou em digitado, não através de si exclusivamente, mas se utilizou do Outro, do público, disso que segundo ele tinha “influência”. Perguntaríamos aqui se não teria sido por esse caminho do público compartilhável que a negativização do particular aconteceu.

⁶⁰ “O artesão produz o objeto, coloca o *a* em cena, mas não como no sonho do filho em chamas. Isso seria insuportável e acabaria com a cena. Essa é a mágica do artesão. O objeto *a* está em cena mas relativamente negativizado, de uma maneira tal que as coisas dão certo” (Vieira, 2006 b).

Esse processo parece difícil de ser acompanhado: afinal como se dá a negativização? Como o *a* pode estar em cena, o *a* representante do resto, daquilo que não conseguimos simbolizar? Essa é a arte, ou o ato do artesão. O que pode talvez nos servir à clínica é justamente a indicação de que há um trabalho estabilizador que pode seguir fora do campo da significação e que exige dos técnicos uma economia fundamental, um apagamento necessário para não atrapalhar as construções de nossos artesãos.

Finalmente pensamos que o lugar do artesão passa pelo circuito do peregrino porque precisa tecer os múltiplos pontos de apoio para conquistar um circuito, para conquistar um nome que, enfim, não lhe foi dado e sim produzido. O que faz o peregrino encontrar seus efeitos de hospedagem é tecer na trajetória esse nome a partir do qual o barulho estridente do real fica atenuado.